

# Para além da sala de aula

**Sociabilidades Adolescentes,  
Relações Étnico-Raciais e Ação Pedagógica**



COLEÇÃO  
& Formação de Professores  
& Relações Étnico-Raciais

**Conselho Editorial**

Wilma de Nazaré Baía Coelho (UFPA)  
Mauro Cezar Coelho (UFPA)  
Anna Lucia Florisbela (Universidade do Cairo)  
Carlos Aldemir Farias da Silva (UFPA)  
Dayse Cabral de Moura (UFPE)  
Florentina da Silva Souza (UFBA)  
Iran Abreu Mendes (UFPA)  
Isabel Cristina Rodrigues de Lucena (UFPA)  
Jane Felipe Beltrão (UFPA)  
José Willington Germano (UFRN)  
Marcio Couto Henrique (UFPA)  
Moisés de Melo Santana (UFRPE)  
Nilma Lino Gomes (UFMG)  
Patrícia Maria Melo Sampaio (UFAM)  
Paulo Vinícius Baptista da Silva (UFPR)  
Roberto Carlos da Silva Borges (CEFET-RJ)  
Ronaldo Marcos Lima Araújo (UFPA)  
Rosana Batista Monteiro (UFRRJ)  
Tânia Mara Pedrosa Müller (UFF)

**Conselho científico**

Anne de Matos Souza Ferreira (IFMT *campus* Pontes e Lacerda)  
Felipe Alex Santiago Cruz (UFRA *campus* Capanema)  
Maria do Socorro Ribeiro Padinha Padinha (GERA/UFT)  
Nicelma Josenila Costa de Brito (GERA/UFRA)  
Raquel Amorim dos Santos (GERA/UFPA)  
Rosângela Maria de Nazaré Barbosa e Silva (GERA/AEBES)

Apoio



Wilma de Nazaré Baía Coelho  
Nicelma Josenila Costa de Brito  
Carlos Aldemir Farias da Silva  
Sinara Bernardo Dias

# Para além da sala de aula

**Sociabilidades Adolescentes,  
Relações Étnico-Raciais e Ação Pedagógica**



2022

COLEÇÃO  
& **Formação de Professores  
Relações Étnico-Raciais**

Copyright © 2022 Os autores  
1ª Edição

**Direção editorial**

José Roberto Marinho

**Revisão**

Affonso Henriques Real Nunes  
Margarida Maria Knobbe

**Revisão de prova**

Carlos Aldemir Farias da Silva  
Wilma de Nazaré Baía Coelho

**Projeto gráfico**

Fabrcio Ribeiro

**Diagramação e capa**

Fabrcio Ribeiro

Edição revisada segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Para além da sala de aula: sociabilidades adolescentes, relações étnico-raciais e ação pedagógica / Wilma de Nazaré Baía Coelho...[et al.]. – 1. ed. – São Paulo: Livraria da Física, 2022. – (Coleção formação de professores & relações étnico-raciais)

Outros autores: Nicelma Josenila Costa de Brito,  
Carlos Aldemir Farias da Silva, Sinara Bernardo Dias

Bibliografia

ISBN 978-65-5563-234-7

1. Adolescentes - Aspectos sociais 2. Aprendizagem 3. Educação - Aspectos sociais - Brasil 4. Negros - Educação - Brasil 5. Professores - Formação 6. Relações étnico-raciais 7. Sala de aula - Direção I. Coelho, Wilma de Nazaré Baía. II. Brito, Nicelma Josenila Costa de. III. Silva, Carlos Aldemir Farias da. IV. Dias, Sinara Bernardo. V. Série.

22-116868

CDD-379.260981

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil: Relações étnico-raciais: Educação 379.260981

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida sejam quais forem os meios empregados sem a permissão da Editora.

Aos infratores aplicam-se as sanções previstas nos artigos 102, 104, 106 e 107 da Lei Nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998



Editora Livraria da Física  
[www.livrariadafisica.com.br](http://www.livrariadafisica.com.br)

## Sumário

Agradecimentos.....	7
Prefácio .....	11
Introdução.....	19
1 As sociabilidades adolescentes.....	63
As estudantes e as relações de sociabilidades .....	79
Relações de sociabilidades e diversidade na escola sob a percepção das adolescentes .....	84
O racismo ainda se encontra vivo na escola – impactos nas relações de sociabilidades.....	95
2 As escolas .....	117
Os documentos escolares e a ação pedagógica .....	123
A ERER e os PPP das escolas paraenses .....	127
3 Agentes escolares e ações pedagógicas.....	145
Ação Pedagógica, Professoras, Coordenadoras pedagógicas e a ERER .....	153
Considerações finais.....	201
Referências.....	221
Sobre as autoras e o autor .....	255



## Agradecimentos

Um estudo dessa natureza é realizado a partir de um coletivo e esse é o seu caráter preponderante. Ele advém da mobilização e do diálogo de muitas vozes. Ele expressa, portanto, as perspectivas, orientações e interesses daqueles(as) que dele participam. Se, por um lado, ele congrega as conclusões de um grupo que tem nas sociabilidades adolescentes um interesse comum, por outro lado, ele potencializa visões variadas sobre o tema, de modo que ele possa ser percebido em sua diversidade. Da mesma forma, esse livro resulta de um trabalho coletivo, pois não teria se concretizado não fosse a parceria, a contribuição e a compreensão daqueles(as) que tornaram a pesquisa de cujas conclusões ele agrega.

Agradecemos às seis escolas que nos receberam amavelmente e que, de forma generosa, abriram suas portas e suas percepções sobre o trabalho desenvolvido naqueles espaços, as quais nos ajudam, enquanto professoras(es) universitários(as) a melhorarmos e qualificarmos o nosso trabalho frente à formação inicial e continuidade de professores(as) que naqueles espaços atuarão (ou atuam) na formação de crianças, adolescentes e adultos inseridos(as) na Educação Básica.

A Escola é um interlocutor qualificado e relevante para dimensionarmos a formação de professores(as) que atuam e atuarão na educação de crianças, adolescentes e adultos que acessam a Educação Básica. Nossos maiores agradecimentos às escolas. Eles se estendem a todos(as) os(as) agentes

escolares que, no diálogo conosco, ajudaram de modo decisivo na reflexão trazida neste livro.

Às estudantes, nossos agradecimentos pela interlocução privilegiada para entendermos a constituição das relações de sociabilidades que são vivas, pulsantes, complexas, contraditórias e subversivas.

Às bolsistas de Iniciação Científica que participaram vivamente em todos os processos de observação, coleta de dados e atuaram nos grupos de discussão e entrevistas também agradecemos. O trabalho qualificado dessas bolsistas nos permitiu acessar alguns dados que só se constituíram em função da presença cotidiana, constante e participativa nas escolas - no interior das salas de aula, nos intervalos, nas entradas e saídas das escolas. Obrigada Patrícia Smith, Milena Silva e Larissa Soares.

Aos(às) pesquisadores(as) que fizeram parte do projeto de pesquisa que deu vida a este livro, Carlos Aldemir Farias (UFPA); Nicelma Brito (GERA UFPA); Anne Matos (IFMT); Kátia Regis (UFMA); Mauro Coelho (UFPA); Sinara Dias (SEMEC Belém); Felipe Cruz (UFRA) e Arthur B. Powell (Rutgers University) nossos agradecimentos.

Nossos agradecimentos ao CNPq, pelo fomento à pesquisa que deu materialidade a este livro. Manifestamos nossa gratidão ao Núcleo Gera, em nome dos(as) integrantes que trabalham para formar profissionais no campo da educação e das relações étnico-raciais no estado do Pará; ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) e à Faculdade de História, pelo apoio de sempre; e, finalmente, mas não menos importante à Universidade Federal do Pará (UFPA), pelo apoio às demandas que nos são caras desde



sua missão, que, ao visar a melhoria da qualidade de vida do ser humano, sustenta seus princípios, dentre outros aspectos, no respeito à diversidade étnica e cultural para garantia do pleno exercício da cidadania, a qual abrigou este projeto e que contribui para formação de pessoas e para desenvolvimento educacional, cultural, político e tecnológico da Região Norte e, por conseguinte, do Brasil e do mundo.

Wilma de Nazaré Baía Coelho  
Coordenadora da Pesquisa



## Prefácio

### **Relações Étnico-Raciais e diferença: perscrutando as sociabilidades adolescentes no ambiente escolar**

**O** livro que o(a) leitor(a) tem em mãos nos brinda com uma importante contribuição para os estudos sobre a Educação das Relações Étnico-Raciais (ERER) ao estabelecer a profícua relação entre duas dimensões da vida escolar: as sociabilidades engendradas pelos(as) adolescentes no ambiente escolar, perscrutando como a diferença, particularmente as de natureza étnico-racial, é incorporada em tais relações e a atenção dispensada pelas agentes escolares (professoras, gestoras e coordenadoras pedagógicas) a essas relações, de modo a perceber como a escola nelas intervém. O estudo investiga como as sociabilidades adolescentes são percebidas pela escola e que ações despertam, buscando relacionar o conteúdo axiológico presente no saber escolar às ações pedagógicas diante das sociabilidades adolescentes.

Construído de modo rigoroso e embasado em noções conceituais de Roger Chartier<sup>1</sup> e Pierre Bourdieu<sup>2</sup>, as formulações dos autores dão vida e suporte aos resultados apresentados. A utilização das categorias *raça*, cor, preconceito, discriminação e identidade, diante do racismo estrutural

---

1 CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v. 5, n. 11, p. 173-191, jan./abr.1991.

2 BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 14. ed. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

brasileiro, se mostra fundamental para a compreensão das especificidades e das particularidades das relações étnico-raciais em nossa sociedade.

No Brasil, à despeito de todo o avanço em relação às políticas de ação afirmativa, a diversidade étnico-racial tem sido tratada com desigualdade e de maneira discriminatória, o que é evidenciado por meio da análise de indicadores sociais que comprovam as iniquidades entre a população negra e a população branca, conforme o censo demográfico brasileiro. Nesse cenário, a Lei nº 10.639/2003 torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana e impulsiona as discussões sobre as relações étnico-raciais nas instituições educacionais<sup>3</sup>.

As preconizações do Parecer do Conselho Nacional de Educação e do Conselho Pleno, e da Resolução do mesmo Conselho, aprovados em 2004, suscitam indagações acerca do que deve ser ensinado nas escolas por meio de seus currículos. Tais currículos, historicamente construídos e vinculados ao contexto social, econômico, político e cultural constituem-se como um campo de disputas, no qual são realizadas escolhas que não são as únicas possíveis. Destarte, o Parecer e a Resolução, na relação com outros marcos legais, representam um significativo avanço jurídico no que tange à promoção da igualdade racial na educação. Esses marcos legais<sup>4</sup>, constituídos no âmbito do movimento negro

---

3 Reflexão desenvolvida em: SILVA; Paulo Vinícius Baptista; GOMES, Nilma Lino; REGIS, Kátia. A proposta e seus objetivos. In: SILVA; Paulo Vinícius Baptista; REGIS, Kátia; MIRANDA, Shirley (Orgs.). *Educação e Relações Étnico-Raciais: o Estado da Arte*. Curitiba: NEAB-UFPR, p. 21-32, 2018.

4 Lei nº 10.639/2003; a Lei nº 11.645/2008; Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004); Plano Nacional de Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das

brasileiro, na luta contra as desigualdades raciais existentes no País, denotam ampliações na elaboração das políticas educacionais brasileiras com vistas à equidade racial.

Esse aparato legal reestrutura, sob perspectivas distintas, a maneira como a história brasileira tem sido compreendida; critica a lógica eurocentrada e reconhece a atuação propositiva dos(as) africanos(as) e das populações indígena e negra na trajetória histórica brasileira<sup>5</sup>. Passados quase vinte anos da implantação da Lei nº 10.639/2003, a educação escolar hegemônica contribui para a permanência das diferentes formas de desigualdades, como a étnico-racial, e, simultaneamente, é um território de possibilidades de desconstrução e de resistência.

Nesse denso e tenso processo, a presente obra oferece relevantes contribuições para a ampliação da reflexão do papel da escola na formação de sujeitos antirracistas ao esmiuçar as sociabilidades adolescentes. A pesquisa que deu vida ao livro tentou explicar “de que forma as sociabilidades valorizadas entre as adolescentes (re)produzem, articulam ou flexionam os estereótipos que pautam as práticas discriminatórias recorrentes no universo brasileiro”, bem como buscou entender a ação pedagógica das agentes escolares (professoras, gestoras e coordenadoras pedagógicas) no trato com tais sociabilidades de modo a perceber como a escola nelas intervém e como estão conformadas no conteúdo axiológico e na prática pedagógica.

---

Relações Étnico-Raciais e para o Ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2009) e Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola (BRASIL, 2012).

- 5 Ver discussão a esse respeito em: COELHO, Mauro César; COELHO, Wilma de Nazaré Baía. Educação para as Relações Étnico-Raciais e a formação de professores de História nas novas diretrizes para a formação de professores! *Educar em Revista*, Curitiba, v. 37, p. 1-25, 2021.

O estudo abrange uma ampla gama de sujeitos e de fontes documentais em um universo de seis escolas da rede pública da cidade de Belém do Pará. Contou com a participação de mil, trezentos e noventa e oito estudantes do Ensino Fundamental (anos finais) e Ensino Médio, doze docentes de História; quatro de Artes Visuais e nove de Língua Portuguesa; além de oito coordenadoras pedagógicas, duas diretoras; três vice-diretoras; uma psicóloga e uma assistente social, totalizando quarenta agentes escolares. Em cada escola, foram analisadas as sociabilidades engendradas pelas estudantes ao longo de quatro semestres letivos nos anos de 2018 e 2019. O estudo, de natureza qualitativa, utilizou procedimentos metodológicos como observação participante (dentro e fora das salas de aula); aplicação de questionários a todas as estudantes das seis escolas; grupos de discussão; entrevistas com as professoras, gestoras e coordenadoras pedagógicas e compilação de documentos escolares, tais como Projetos Político-Pedagógicos.

As práticas educativas realizadas nas instituições educacionais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio não ocorrem isoladamente ou à margem do modo como transcorrem as relações étnico-raciais na sociedade brasileira, mas estão inseridas nos processos de dominação simbólica – ou não – nas relações estabelecidas entre diferentes grupos. O estudo elucidava as formas de sociabilidades valorizadas entre as estudantes, e como essas, por vezes, reproduzem, articulam ou subvertem os estereótipos que pautam as práticas discriminatórias recorrentes no Brasil e no universo escolar, virtual ou presencial.

Ao ler o livro, doze grupos ilustram a diversidade e a complexidade que compõem o universo das seis escolas

pesquisadas, os quais representam a dinâmica das relações de afetividade e, por vezes, de hostilidade, especialmente quando se refere às estudantes negras. Essas agentes que compõem alguns desses grupos, detêm a atenção da escola, sobretudo em relação a admoeação e menos, em alguns casos, no tocante às suas demandas.

A obra encaminha uma análise sobre essas relações e como a ideia de diferença tem sido dimensionada pela escola, no que tange ao enfrentamento pedagógico da diversidade com as adolescentes-juvenis<sup>6</sup>. A ausência desse enfrentamento requer, segundo a reflexão encaminhada pelo livro, o repensar das relações que têm se estabelecido entre as estudantes brancas e negras no espaço escolar, bem como o papel das instituições de ensino no enfrentamento do preconceito, do racismo e de seus desdobramentos no campo educacional, pois, como Nilma Gomes<sup>7</sup> sublinha, a luta contra o racismo e as desigualdades raciais é um processo complexo e desafiador de afirmação da identidade negra, que exige abordagem consubstanciada.

Essa abordagem de que fala Nilma Gomes foi privilegiada pelo estudo, ao estabelecer uma interlocução com as estudantes e reiterar a elucidação do quão vívido é o racismo na escola, pois a maioria relata ter sofrido ou presenciado ações de discriminação racial nesse ambiente. Nos depoimentos, há o destaque da gravidade e da nocividade das ações discriminatórias corriqueiras – tanto no Ensino

---

6 COELHO, Wilma de Nazaré Baía; SILVA, Carlos Aldemir Farias da. Sociabilidade e discriminação entre grupos de adolescentes-juvenis no Ensino Médio. *Educação Unisinos*, n. 23, v. 2, p. 225-241, abril-junho, 2019.

7 GOMES, Nilma Lino. Por uma indignação antirracista e diaspórica: negritude e afrobrasilidade em tempos de incerteza. *Revista da ABPN*, v. 10, n. 26, p. 111-124, jul./out., 2018.

Fundamental, como no Ensino Médio – caracterizadas como humilhantes, agressivas e constrangedoras. A despeito do que foi apontado nos depoimentos, as escolas que integram o estudo trabalham com a temática, ainda que de forma pontual e desprovida de relação estrutural com as disciplinas. A atuação das coordenadoras pedagógicas reflete o desenvolvido no âmbito das disciplinas e no trabalho com a diversidade e com a diferença, sem gerar uma reflexão aprofundada que envolva todas as pessoas da escola.

A obra destaca estratégias de enfrentamento ao racismo, ao preconceito e à discriminação em duas escolas do Ensino Médio, participantes do Projeto Afrocientista em 2019 e 2021, promovido pela Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as, com suporte financeiro do Instituto Unibanco e desenvolvido pelos Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Núcleos de Estudos Afro-Brasileiros e Indígenas.

No âmbito da Universidade Federal do Pará, esse projeto foi realizado pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Formação de Professores e Relações Étnico-Raciais (NEAB/GERA), nessas duas escolas, que apontou sinais de subversão, em especial quando direcionados a algumas estudantes negras dessas instituições, as quais reclamam, rejeitam, se posicionam, assumem seus corpos e cabelos negros e não permitem serem submetidas a qualquer tipo de discriminação dessa natureza<sup>8</sup>.

A partir do rigoroso e amplo trabalho investigativo relatado no livro, há importantes indicações que podem orientar a formação inicial e a formação continuada de

---

8 Fala realizada pela professora Wilma de Nazaré Bafa Coelho no III Webnário do Projeto Afrocientista, em 1 dezembro de 2021.



professores(as), que demandam o conhecimento consistente da literatura especializada e das legislações anteriormente mencionadas. Entre as questões apontadas, há o realce de que as adolescentes e jovens têm a centralidade da sua atenção nas redes sociais, inclusive na forma como estabelecem e rompem as relações de sociabilidades. Desse modo, não há como dissociar um processo formativo fora dessa cultura digital sobre a qual as estudantes estão integralmente imersas, “uma vez que o ambiente virtual se tornou sua casa, seu quintal, e parte importante de seu cotidiano”, conforme citam os autores.

A leitura do livro promove a possibilidade de compreender a cultura juvenil como condição fundamental para a potencialização da atuação educativa na escola, consubstanciada em ações pedagógicas a partir da perspectiva interdisciplinar e por meio do trabalho coletivamente realizado. O livro destaca a urgência de mudança na escola e no “trato com as sociabilidades que as estudantes nela constroem ou vivenciam, pois elas fazem parte das experiências formativas projetadas para a formação escolar. Portanto, entender como a escola lida com tais sociabilidades é não somente imperativo, mas promissor”<sup>9</sup>.

A obra inova ao problematizar o modo pelo qual a escola lida com as sociabilidades adolescentes em interface com a Educação das Relações Étnico-Raciais, ao perscrutar as formas de sociabilidades engendradas entre si no âmbito escolar, estabelecendo relações no que tange às hierarquias subjacentes a essas relações de sociabilidades, particularmente, no que concerne à questão racial. Da mesma forma,

---

9 Fala realizada pela professora Wilma de Nazaré Bafa Coelho no III Webnário do Projeto Afrocientista, em 1 dezembro de 2021.

problematiza a percepção das agentes escolares no que diz respeito ao trabalho pedagógico desse grupo em relação à diversidade e às formas de socialização constituídas pelas adolescentes e jovens nas escolas estudadas.

Num movimento em que a complexidade e as contradições inerentes ao tema investigado se apresentam, Wilma Coelho, Nicelma Brito, Carlos Aldemir Silva e Sinara Dias problematizam como a educação escolar hegemônica contribui para a permanência do racismo estrutural e dos processos de subalternização e de inferiorização que perpassam as socialidades das adolescentes juvenis. Da mesma forma, concomitantemente, esse movimento de problematização abre espaço para subversões, que impulsionam ações dialógicas que valorizam a riqueza da diversidade étnico-racial brasileira e que permite diferentes modos de aprender/reaprender e de estar no mundo das adolescentes.

A incisiva análise desenvolvida no estudo suscita novos e instigantes elementos acerca das possibilidades de (re)construção, de resistência e de transformação do instituído, o que ocorre por meio da constante denúncia do contexto desumanizante e, simultaneamente, da luta para a sua alteração, pois, conforme escreve Paulo Freire, a “mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio da sua superação. [...] mudar é difícil, mas é possível”<sup>10</sup>.

Com votos de boa leitura e boa reflexão,

Kátia Evangelista Regis  
São Luís, MA, maio de 2022.

---

10 FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 20. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

## Introdução

O presente livro, desenvolvido no âmbito do Projeto intitulado “Para além das salas de aula: sociabilidades adolescentes, relações étnico-raciais e ação pedagógica”<sup>11</sup>, relativo à Chamada MCTIC/CNPq Nº 28/2018 – Universal/Faixa C, Modalidade APQ, realizado no período de 2019 a 2022, objetivou relacionar duas dimensões da vida escolar. Por um lado, analisar sociabilidades engendradas pelas adolescentes no ambiente escolar, perscrutando como a diferença (especialmente as de natureza étnico-racial, mas não apenas) é incorporada em tais relações; por outro, analisar a atenção dispensada pelas educadoras<sup>12</sup> a essas relações, de modo a perceber como a escola intervém nelas.

No período de sua execução – entre o final de fevereiro e o início de março de 2020 –, o Brasil e o mundo foram tomados de assalto pela pandemia de um vírus que impôs restrições de acesso a locais públicos, obrigou todas as

---

11 As discussões, aqui desenvolvidas, guardam relações orgânicas com produções publicizadas (artigos, capítulos, anais de eventos) com a equipe do projeto no percurso da pesquisa e orientações de dissertações e teses que integram o objeto deste estudo.

12 Em função do expressivo contingente de estudantes (com exceção do número de estudantes de apenas uma escola, na qual a maioria era masculina), professoras, gestoras e coordenadoras pedagógicas do gênero feminino, adotaremos em todo o texto, o designativo feminino aos nos referirmos às pessoas com as quais estabelecemos interlocução para este estudo. Ou seja, quando o leitor e a leitora se depararem com a estudante, a professora, a coordenadora etc., no curso do texto, referimo-nos, especificamente (e por opção política) ao conjunto de agentes com quem estabelecemos diálogo para realização deste estudo. O uso da linguagem binária fora utilizado em casos muito específicos. Assim, manteremos a linguagem original, utilizada pela literatura especializada, quando se referem aos agentes com quem dialogamos.

pessoas ao uso de máscaras nas ruas, e em todo e qualquer lugar, e forçou a suspensão de aglomerações por tempo indeterminado. Tais medidas foram propostas de modo a reduzir a possibilidade de proliferação da Covid-19<sup>13</sup>, a doença causada pelo vírus.

Além dessas restrições, a pandemia vitimou no Brasil 23.416.748 brasileiros e brasileiras (dados de 9 de dezembro de 2021)<sup>14</sup>. Diante do fato de que esse contexto pandêmico provocou alterações no cotidiano, como as indicadas por Dalila Oliveira e Edmilson Pereira Junior (2020), tais aspectos repercutiram também no curso da pesquisa: uma parte do estudo se desenvolveu de forma *online*, uma vez que foram alterados processos didáticos relativos ao ensino na Educação Superior. Não foi diferente na Educação Básica. As seis escolas envolvidas neste estudo, inicialmente, tiveram suas aulas suspensas e, depois, iniciaram o sistema semi-presencial na modalidade *online*.

A nossa finalidade, ao fim e ao cabo, consistiu em investigar como as sociabilidades adolescentes são percebidas pela escola e que ações despertam, buscando relacionar o conteúdo axiológico presente no saber escolar às ações pedagógicas diante das sociabilidades adolescentes. Especificamente: a) identificar as formas de sociabilidades engendradas pelas estudantes/adolescentes no ambiente escolar; b) reconhecer as hierarquias subjacentes às relações que as estudantes/adolescentes estabelecem no

---

13 Os prejuízos advindos do período pandêmico foram enormes para a população brasileira em geral; no entanto, esses prejuízos foram maiores ainda para a população negra e pobre, como dimensionado nos trabalhos de Renata Costa (2021); Jonas Magalhães e Marise Ramos (2021); Bruno Oliveira e Wladirson Cardoso (2021) e Luiz Stevanim (2020).

14 Disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>. Acesso em: 9 dez. 2021.